PRODUZIR

APLICAÇÃO DA GEOPOLÍTICA NA AGRICULTURA



AMANDA ARAÚJO

Diretora executiva da Sociedade Rural Brasileira (SRB) e mestre em Direito da Agricultura pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne

EM POUCO menos de quatro décadas, a dinâmica da globalização despertou forças centrífugas que dificultaram fortemente a harmonização esperada pelos filósofos e economistas clássicos – como Kant (universalismo moral), no século XVIII, e David Ricardo (vantagens comparativas), no século XIX.

O estado atual das relações econômicas internacionais é preocupante. A crise do multilateralismo e a tensão nos mercados de matérias-primas agrícolas já vêm perpetuando-se por muitos anos. No tocante à Organização Mundial do Comércio (OMC) e à agricultura, uma reforma se faz inevitável e inadiável, devido à mudança radical no arranjo mundial nos últimos vinte anos. Assim sendo, o Acordo sobre Agricultura da OMC tornou-se inapto para a resolução dos atuais desafios que permeiam o mercado agrícola ao se considerar a nova ordem dos aspectos políticos, econômicos e socioambientais no mundo.

A globalização passa, hoje, por um novo capítulo. Durante as últimas duas décadas, a estrutura clássica do comércio internacional vem transformando-se por inteiro. Hoje, o Produto Interno Bruto (PIB) do grupo G7* soma US$ 42 trilhões, enquanto o grupo E7**, com as maiores economias emergentes do mundo, soma US$ 53 trilhões. Para o Brasil, esse panorama abre espaço para a releitura da sua agricultura e das janelas de oportunidade inéditas aos países sul-americanos.

Nessa consideração, o olhar sob o ângulo geopolítico é essencial para o desenvolvimento de uma política inteligente de exportação e o posicionamento do setor no epicentro da recuperação econômica provocada pela pandemia de COVID-19 dentro da nova configuração do mercado global.

Estratégias, rivalidades e interesses estão fortalecendo-se para países importadores competirem no mercado. Com alta performance, a agricultura brasileira cresce no mundo, tendo como desafio a geopolítica. E, para não perder, é essencial reconsiderar os seus verdadeiros pontos fortes, atuais e futuros.

Nas políticas nacionais, devemos continuar no avanço da implementação do Código Florestal, em face da sua vocação. Com a tecnologia tropical, o setor prospera independentemente de subsídios, em contramão ao mundo (o suporte público é de apenas 1,1% do valor da produção, enquanto a média mundial é de 16%). Para um poder adaptado às exigências e aos desafios do futuro, devemos buscar um lugar na organização institucional agrícola do mundo.

De um modo geral, os países remobilizam-se em torno das questões de segurança alimentar, tanto do ponto de vista doméstico, como do internacional. A abordagem geopolítica é fundamental para estudar as oportunidades a serem extraídas para os temas agroalimentares. O Brasil, no âmbito da sua influência, assume novos deveres de cooperação em determinadas regiões do mundo. Necessitamos dar sentido à atividade agrícola não apenas nos aspectos ambientais ou territoriais, mas também nos aspectos econômicos e sociais – afinal, são homens que produzem para alimentar outros homens – e, especialmente, nos geopolíticos. ■

*Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá
**China, Índia, Brasil, Rússia, Indonésia, México e Turquia

"...a estrutura clássica do comércio internacional vem transformando-se por inteiro. Hoje, o Produto Interno Bruto (PIB) do grupo G7 soma US$ 42 trilhões, enquanto o grupo E7, com as maiores economias emergentes do mundo, soma US$ 53 trilhões."